



V CLABES 2010

SEXTA CONFERENCIA
LATINOAMERICANA SOBRE EL ABANDONO
EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR



ASSIDUIDADE, MOTIVAÇÃO E FATORES PARA O SUCESSO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO POLITÉCNICO. SITUAÇÃO E PROCEDIMENTO NO INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA- IPG- PORTUGAL

Línea Temática 1: Factores asociados al abandono. Tipos y perfiles de abandono

Factores asociados al abandono

Tipo de comunicación oral

FERNANDES, Gonçalo

Instituto Politécnico da Guarda –UDI/IPG e CICS.NOVA- Portugal

e-mail: [goncalopoeta@ipg.pt](mailto:gonalopoeta@ipg.pt)

MARTINS, José Alexandre

Instituto Politécnico da Guarda –UDI/IPG - Portugal

e-mail: jasvm@ipg.pt

Resumo. Os estudantes do ensino superior, em particular aqueles cujas bases de formação ou a motivação vocacional não se encontram consolidadas, revelam necessidades de encontrarem equilíbrios entre as suas apetências formativas, os conhecimentos e capacidades detidas, a descoberta de uma maior autonomia individual e integração na nova comunidade, as novas relações com a Escola e o mundo exterior e a automotivação para tarefas que parecem carecer de interesse ou aparentam não ir ao encontro das expectativas. Face a esta situação, bem como a outras com que são confrontados durante o período de aulas, os estudantes acabam por gerar ou serem expostos a situações de desmotivação, por vezes associando alguma ansiedade e inadaptação funcional/organizacional que induz à falta de assiduidade e que perturbam o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, o sucesso escolar e/ou o abandono escolar.

Sendo um problema que ganha amplo significado no ensino superior e que gera efeitos perniciosos nas instituições de ensino e seus docentes, torna-se determinante conhecer as causas ou os motivos de falta de assiduidade e indagar sobre as metodologias e estratégias de integração ativa dos estudantes. Neste âmbito, desenvolveu-se no Politécnico da Guarda (IPG), por via dos Conselhos Pedagógicos, a auscultação dos alunos, através dos seus representantes e outras fontes de informação direta ou indireta, na procura de identificar as razões da não assiduidade e insucesso, bem como de condições, meios e estratégias que possam qualificar as práticas de ensino para uma maior presença dos alunos nas aulas e incremento do sucesso nas aprendizagens. De acordo com os dados recolhidos, podem-se estruturar os aspetos de falta de assiduidade em torno dos alunos, dos professores e das condições organizacionais. No tocante aos alunos, verificam-se problemas associados ao seu *background* formativo, à motivação de frequência do curso e às metodologias de organização do trabalho/estudo, fatores que, relacionados com alguma falta de maturidade e responsabilidade, conduzem ao absentismo, a interesses divergentes dos escolares e, eventualmente, ao abandono escolar. Em termos dos docentes, assinalam-se práticas pedagógicas pouco cativantes, resultantes de uma excessiva ou desadequada lecionação dos conteúdos teóricos, bem como uma insuficiente operacionalização de metodologias mais práticas, sustentadas em componentes de aplicação, de estudo de casos, exploração de conteúdos ou desenvolvimento de trabalhos, em detrimento de metodologias passivas e de reprodução dos conteúdos em formatos pouco apelativos.

Descritores o Palavras Chave: Assiduidade, Motivação, Aprendizagem, Pedagogia, Escola.

1 Introdução

Um dos grandes desafios dos estudantes do ensino superior, em particular aqueles cujas bases de formação ou a motivação vocacional não se encontram consolidadas, é encontrarem equilíbrios entre as suas apetências formativas, os conhecimentos e capacidades detidas, a descoberta de uma maior autonomia individual, a integração numa nova comunidade, as novas relações com a Escola e o mundo exterior e a melhor forma de se automotivarem para tarefas que parecem não ir ao encontro das expectativas. Estas novas realidades formativas e sociais implicam o assumir de competências e posicionamentos que se tornem profícuos na sua aprendizagem e na relação com a comunidade académica e de acolhimento no local da sua formação. Face a esta situação, bem como a outras com que são confrontados durante o período de aulas, os estudantes acabam por gerar ou serem expostos a situações de desmotivação, por vezes associando alguma ansiedade e inadaptação funcional/organizacional que induz à falta de assiduidade e que perturbam, profundamente, o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, o sucesso escolar. A realidade dos novos alunos do ensino superior equaciona-se hoje de forma diferenciada em função dos contextos de aprendizagem seguidos, das políticas protagonizadas com orientações e modelos formativos diversos, com o perfil educativo, com o acesso às tecnologias de informação e com modelos de vida promovidos pelos Media Sociais, muitas das vezes ilusórios ou divergentes de um processo formativo que é exigente. Neste sentido, conhecer os problemas para equacionar estratégias construtivas está no centro de interesses deste trabalho que, de forma integrada, procura dar a conhecer as realidades existentes das Unidades Orgânicas do Instituto Politecnico da Guarda (IPG) e refletir sobre as estratégias a encetar. A aprendizagem e o rendimento académico estão tendencialmente alicerçadas em torno das características dos estudantes e dos fatores associados aos espaços educativos. Neste sentido, refletir sobre o sucesso das aprendizagens dos alunos implica, também, refletir sobre as variáveis contextuais que os envolvem nestes processos, desde o seu background formativo, condições de aprendizagem, metodologias e meios de ensino, conteúdos curriculares de aprendizagem e relacionamento com a comunidade.

2 O problema da assiduidade no Ensino Superior – Aspetos e Reflexões

Numa procura de entendimento das conseqüências do fenómeno da falta de assiduidade, constata-se que os estudantes que faltam às aulas perdem a possibilidade de nelas interagirem, tanto com o professor como com os colegas, de retirarem dúvidas face aos conteúdos lecionados, de estabelecerem um elo de ligação entre os conhecimentos anteriormente adquiridos e os novos e, não menos importante, de tirarem apontamentos acerca dos conteúdos da aula. De acordo com PINHEIRO, M.R. (2007), poderemos afirmar que, decorrendo deste problema de assiduidade, ficarão também comprometidas algumas das suas “boas práticas” especificamente de interação com os professores e de procura de feedback imediato relativamente às suas aprendizagens, aprender mais ativamente, procurando relacionar acontecimentos e atividades do dia-a-dia com os assuntos tratados nas aulas, bem como a própria otimização do tempo, incluindo a presença e participação nas aulas, mantendo as temáticas atualizadas para um investimento mais facilitado nas avaliações.

Para ROSÁRIO, P., NÚÑEZ, J. e PIENDA, J. (2006, p.180), a motivação constitui um “processo pelo qual se iniciam e se sustentam as atividades orientadas para os objetivos”. Nesta linha de pensamento, PINTRICH, P. e SCHUNK, D. (2002) referem que a definição de motivação deveria albergar a noção de processo. Desta forma a motivação é um processo e não um produto, daí não poder ser observada diretamente, mas inferida a partir de alguns comportamentos, tendo em vista o atingir de metas. As metas têm a função de oferecer um ímpeto para a direção da ação do sujeito. Assim, a motivação para além de levar uma pessoa a iniciar uma ação, mantém-na na ação e ajuda-a a finalizar as suas tarefas.

A motivação é uma das causas mais fortes que liga o estudante ao estudo, através da perseverança, determinada pelo gosto da descoberta e da invenção, pela criatividade, novidade e originalidade. No presente, existe uma grande quantidade de investigações sobre as formas em que os estudantes em todos os ciclos de estudo desenvolvem a aprendizagem. Nesta fase, apelidada por construtivismo, a aprendizagem consiste “(...) num processo de construção de significados e atribuição de sentidos cuja responsabilidade última corresponde ao aluno (...)” (COLL, 1990, citado por ROSÁRIO, P.S. e ALMEIDA, L. S., 2005, p. 142). Assim, “A aprendizagem, numa perspetiva construtivista, não se resume a ligações estímulo-resposta nem à aquisição de conhecimentos. Ela assenta, sobretudo, na construção de estruturas cognitivas através da ação, reflexão e abstração do aluno (papel ativo)” (ROSÁRIO, P. S. e ALMEIDA, L. S., 2005, p. 143). Nesta lógica, a influência educativa do professor centra-se em termos de ajuda à atividade construtiva do estudante e o estudante é o principal ator do processo de aprendizagem, uma vez que as novas aprendizagens só serão possíveis a partir dos conceitos, crenças, atitudes, representações, conhecimentos e destrezas que ele construiu no decorrer das suas experiências prévias (AUSUBEL, D. P., 1978, referido por ROSÁRIO P. S. e ALMEIDA, L. S., 2005).

O ensino deve ser momento e processo para a construção de significados adequados por parte do estudante a partir dos conteúdos e atividades curriculares, em oposição a uma conceção tradicional, de currículos fixos e metodologias de ensino desenhadas. Nesta linha construtivista, a intervenção educativa está orientada para que o estudante desenvolva a capacidade de ele próprio realizar aprendizagens significativas, perante uma diversidade de situações e circunstâncias. Procura-se que o estudante “aprenda a aprender”, o que não é tido pelos investigadores como tarefa, tendo neste âmbito a escola um papel decisivo no ensino das competências do pensar e no manuseio de tais competências no seu quotidiano.

Hoje, vivemos numa sociedade de informação e do conhecimento, pelo que o ensino deverá incorporar significativamente a construção de destrezas cognitivas e conhecimentos, significando a apropriação de mecanismos de busca e seleção de informação, bem como de processos de análise e resolução de problemas, que viabilizem a autonomia progressiva do estudante no aprender e no realizar, os quais se prolongam por toda a vida (ROSÁRIO P. S. e ALMEIDA, L. S., 2005). E se ainda associarmos à escola outras aprendizagens que não de cariz cognitivo – aprender a ser, aprender a interagir com os outros entre outras – então a convergência dos processos e oportunidades formativas na pessoa do estudante sairá fortalecida e o papel da Escola e dos seus professores reforçada e valorizada.

3. Considerações sobre a falta de assiduidade às aulas e Indicadores de assiduidade e sucesso de aprendizagem

Um dos aspetos fundamentais num estudo sobre assiduidade e sucesso das aprendizagens prende-se com a identificação dos processos que promovem comportamentos de ausência, isto é com a recolha das considerações dos alunos sobre as situações que conduziram a baixos níveis de assiduidade às aulas. Procedeu-se ao estabelecimento de considerações gerais para, sistematizando informações contidas nas apreciações dos alunos e nos respetivos relatórios produzidos nas 4 Escolas do IPG, nomeadamente na Escola superior de Educação, Comunicação e Desporto, Escola superior de Tecnologia e Gestão, escola Superior de Turismo e Hotelaria e na Escola Superior de Saúde. Num universo de 2870 alunos, procurou-se uma abordagem qualitativa através de uma metodologia compósita que permitisse agregar a realização de focus grupos, auscultação dos alunos integrantes dos conselhos pedagógicos, sistematização de informação contida nos relatórios de Direção de Curso e nos inquéritos resultantes dos processo de avaliação das Unidades curriculares realizados semestralmente.

Neste contexto, há a assinalar a existência de um Sistema Interno de Garantia de Qualidade, que produz semestralmente informação sobre as Unidades curriculares, permitindo obter a perceção dos alunos ao nível do funcionamento da Unidade curricular e gerar indicadores de seguimento e melhoria contínua, que em função dos resultados alcançados possam desencadear planos de acção, com o objectivo de corrigir as debilidades e fortalecer o processo de ensino-aprendizagem.

A contribuição dos alunos representantes dos cursos nos Conselhos Pedagógicos (CP), representantes eleitos dos Núcleos de Curso e os Relatórios de Direção de Curso dos três ciclos de estudo nas quatro escolas, através de um processo de Focus Group, constituíram informações determinantes que permitiram a estruturação da informação e diagnóstico dos principais problemas que conduzem à falta de assiduidade e insucesso escolar.

Os resultados síntese das Unidades Curriculares (UC) avaliadas segundo os inquéritos do SIGQ levou à elaboração de planos de acção por parte dos diretores de curso, coordenadores das áreas científicas e professores responsáveis pela leccionação das respetivas UC. Estes planos consubstanciam medidas de acção com timings e níveis de responsabilidade atribuídos, estratégias de atuação no processo de ensino aprendizagem, programas de formação e outros procedimentos julgados convenientes pelos responsáveis para a qualificação do ensino e melhoria das aprendizagens e presenças nas aulas.

Procurou-se, simultaneamente, recolher investigação produzida sobre a temática, de modo a desenvolver um estudo concertado com metodologias e análises recolhidas, bem como aportar observações e resultados que permitam analisar com critério a informação produzida. Saliente-se o interesse dos alunos na participação neste estudo, existindo um reconhecimento da utilidade das reuniões e da recolha de informação crítica sobre a problemática da assiduidade e sucesso de aprendizagens no ensino superior, manifestando a pertinência e interesse de serem auscultados sobre outros assuntos e temas para construir uma escola atenta aos novos desafios do processo de ensino-aprendizagem.

Do estudo realizado foi claramente percecionada a ideia de que a assiduidade é fundamental para um real sucesso escolar, havendo o entendimento de que a falta de assiduidade pode ser geradora de entraves à eficácia e eficiência do processo de ensino-aprendizagem.

Como fatores principais que afetam os níveis de assiduidade, embora com impactos diferenciados, foram genericamente detetados:

- Condições de (i)maturidade e de (ir)responsabilidade;
- Condições de (des)motivação e de (não) identificação com a formação;
- Condições prévias a nível académico – conhecimento detidos;
- Condições sociais e culturais;
- Planos de estudo (conteúdos, estrutura e organização);
- Organização pedagógica (preparação pedagógica dos professores e métodos de avaliação);
- Praxe e atividades académicas;
- Estruturas físicas/funcionais das escolas e transportes.

As considerações de enquadramento sobre a falta de assiduidade às aulas, constituem informação crítica para o desenho da pesquisa e para a interpretação dos principais aspetos que confluem para práticas de ausência às aulas, quer resultantes de quadros de organização social da vida académica, das forma de estruturação e lecionação das unidades curriculares, das metodologias de ensino ou dos níveis de conhecimento detidos (perfis formativos) que estruturam distintas capacidades de compreensão dos conteúdos e de interesse à sua frequência.

4. Principais causas ou motivos de não assiduidade às aulas

O diagnóstico dos principais motivos que conduziram à falta às aulas, de acordo com os alunos das diferentes Escolas, estrutura-se em questões motivacionais, de valorização da presença em aula e disponibilidade. Assinale-se que a existência de Escolas com diferentes formações e perfil de aluno aporta alguma heterogeneidade, que se procurou esbater, identificando os aspetos mais relevantes e identificados como críticos na falta às aulas:

- Faltar-lhe motivação;

(Faltar-lhe interesse no próprio curso - Para vários alunos nem o curso nem a Escola foram as suas primeiras escolhas, sendo à partida uma condição pré-existente de desmotivação. Falta motivação para as aulas devido a fracos conhecimentos de base por parte de alguns alunos)

- Desinteressar-se pela matéria;

(O facto de existir uma grande amplitude nos níveis de conhecimento dos alunos torna necessário que o professor pautе as aulas por um nível médio. Este nível médio desmotiva alguns alunos com mais bases, que consideram as aulas desnecessárias pois já possuem esses conhecimentos. Por falta de bases e sentir que o nível de exigência é elevado, o que pode conduzir à não assistência às aulas por considerarem que não conseguem atingir os níveis desejados)

- Ter optado por deixar uma unidade que seja mais trabalhosa ou difícil para o fim do curso;

(Nas unidades curriculares que envolvem mais matemática e/ou as línguas estrangeiras, existe maior tendência para deixar essas unidades curriculares para o fim do curso, com consequência efetiva na diminuição da assiduidade)

- Estudarem para outras disciplinas e/ou fazerem trabalhos de grupo/ individuais;

(Gestão desadequada do tempo, falta de programação das atividades, irresponsabilidade priorizando atividades não formativas em detrimento do trabalho associado à Escola)

- Encontrar-se a dormir ou sem disposição para a sua presença ativa em aula;

(Resultado de praxes académicas e de atividades lúdicas/festas académica Existir aspetos de personalidade e falta de maturidade e de responsabilidade, falta de criação de métodos de estudo e má gestão do tempo diário por parte dos alunos, sobretudo pelos aspetos culturais e sociais ligados à forma de ser dos alunos.)

- Ser trabalhador estudante;

(Muitos alunos com o estatuto de trabalhador-estudante não conseguem assistir às aulas. Ainda que muitos não possam assistir às aulas é reconhecido que estes alunos são muito esforçados e que tentam assistir ao máximo de aulas possível. Distância da Escola ao centro da cidade e condicionantes do sistema de transportes são também apontadas como desencorajadoras da presença em aula)

- Sentir que os conteúdos da UC são desatualizados ou desinteressantes;

(A falta de interesse na disciplina ou nos conteúdos programáticos. Professores com conhecimentos desatualizados e falta de motivação profissional).

- Sentir que ir ou não ir é a mesma coisa;

(A explicação da matéria apenas através das palavras que estão escritas nos diapositivos de Power Point ou documentação base das aulas. Sentir desmotivação pelo facto de o professor copiar a resolução para o quadro sem parar para explicar; Julgar o conteúdo tão simples que não sente nenhuma necessidade de ir às aulas)

- Efeito de contágio pelas opiniões transmitidas por alguns alunos de anos subsequentes ;

(transmissão de opiniões de alunos mais velhos sobre dificuldades em determinada UC ou formas de avaliação conduzem a comportamentos desajustados pelos novos alunos. Alguns alunos sentem que por vezes existe uma diferenciação em relação aos alunos assíduos, e esse sentimento faz com que esses alunos deixem de frequentar as aulas de forma definitiva)

- Sentir que falta dinamismo da parte do professor;

(Falta de motivação induzida pelo tipo de aulas e conteúdos. Segundo os alunos, alguns professores (inconscientemente) provocam desmotivação de alguns alunos, o que leva a que esses alunos continuem sem perceber a matéria e provocando o desinteresse nessa disciplina. Não se sentir motivado pela leitura de diapositivos de “PowerPoint” e/ou acetatos pelos professores)

- Existir uma nota mínima que desmotiva o aluno;

(Após o resultado do 1º teste, entender que não terá possibilidade de obter classificação positiva pela avaliação contínua e, por isso, deixa de assistir às aulas remetendo a avaliação automaticamente para exame)

- Haver conteúdos e possíveis horários sobrepostos com outras UCs;

(O que implica necessariamente tomar opções e deixar de frequentar uma das UC onde se encontra matriculado).

As considerações de enquadramento sobre a falta de assiduidade às aulas, constituem informação relevante para o desenho da pesquisa e para a interpretação dos principais aspetos que confluem para práticas de ausência às aulas, quer resultantes de quadros de organização social da vida académica, das forma de estruturação e lecionação das unidades curriculares, das metodologias de ensino ou dos níveis de conhecimento detidos (perfis formativos) que estruturam distintas capacidades de compreensão dos conteúdos e de interesse à sua frequência.

Assim, são identificados como aspetos contribuintes para uma menor presença na sala de aula e no desenvolvimento de uma avaliação contínua os seguintes:

- Pouco empenho por parte de alguns alunos, aliado a alguma falta de maturidade, sentido de responsabilidade e dificuldades na organização do tempo e criação de métodos de estudo;
- Falta de bases por parte dos alunos relativamente às unidades curriculares com maior grau de dificuldade;
- Tendência para deixar as unidades curriculares com maior grau de dificuldade para o fim do curso;
- As dificuldades financeiras das famílias e a disponibilidade de estudar a tempo integral;
- Necessidade da atualização da componente pedagógica dos professores, bem como uma boa preparação dos conteúdos a serem transmitidos, permitindo ao aluno expor as suas dúvidas em sala de aula;
- Conteúdos programáticos muito extensos e teóricos;
- Conteúdos programáticos com diminuta aplicabilidade prática;
- Intervalo reduzido entre os momentos de avaliação;

- Opção em fazer avaliações em alturas de festas académicas (semana do caloiro e semana académica) pode ter como consequência mau aproveitamento;
- A discrepância, em relação ao grau de dificuldade, entre a avaliação contínua e a avaliação por exame.;
- Motivos relacionados com a estrutura física, com o plano de estudos e com a organização pedagógica;
- A sobrecarga do horário escolar;
- Os alunos faltam mais nas aulas teóricas, porque não estão sujeitas ao regime de presença obrigatória;
- Problemas com a praxe. A existência de tradições académicas ao longo das semanas é exagerada e retira muito tempo ao estudo, com consequência ao nível do sucesso escolar

Verificam-se assim, um conjunto de situações que de forma individual ou associadas contribuem para uma maior ou menor assiduidade. O ensino deve, pois, ser momento e processo para a construção de conhecimento e capacidades do estudante a partir dos conteúdos e atividades curriculares, em oposição a uma conceção tradicional, de currículos fixos e metodologias de ensino desenhadas. Nesta linha construtivista, a intervenção educativa está orientada para que o estudante desenvolva a capacidade de ele próprio realizar aprendizagens significativas, perante uma diversidade de situações e circunstâncias. Procura-se que o estudante “aprenda a aprender”, o que não é tido pelos investigadores como tarefa, tendo neste âmbito a escola um papel decisivo no ensino das competências do pensar e no manuseio de tais competências no seu quotidiano PINTRICH, P.R. & SCHUNK, D. H. (2002).

A construção de um percurso de aprendizagem profícuo está associada a uma efetiva participação no processo formativo, através da presença na aula, na reflexão e partilha de experiências, na descoberta de conhecimento, na pesquisa aplicada, no trabalho em equipa, na aplicação de conhecimentos, no desenvolvimento de competências, no desenvolvimento de tarefas entre outros processos (RAMSDEN, P., 1992).

Neste contexto foram identificados algumas estratégias de atuação que visam incentivar a presença na Escola e a frequência das aulas, nomeadamente:

- Acompanhar os trabalhos, com distribuição uniforme ao longo do semestre, seguindo a matéria lecionada por forma a não sobrecarregar o término de cada semestre com a excessiva carga de trabalhos em diferentes unidades curriculares;
- Incentivar a utilização das Salas da Escola/Campus e Biblioteca para consulta bibliográfica e realização de trabalhos de estudo;
- Reduzir a ponderação na avaliação por teste escrito com o aumento consequente da ponderação na avaliação por trabalhos, principalmente em trabalhos que exijam complexidade e tempo para a sua realização;
- Promover visitas de estudo e teleconferências usando, sempre que possível, as TIC, potenciando um maior número de alunos inscritos e reduzindo custos;
- Diferenciar as notas por aluno nos trabalhos desenvolvidos em grupo;

- Fortalecer o atendimento semanal nos gabinetes dos professores fomentando a ida dos alunos na época das avaliações; - Inclusão da assiduidade nos critérios de avaliação; - Promover os contactos dos docentes com alunos através da plataforma, email, Redes Sociais e outros meios que permitam promover práticas de ensino flexíveis de acordo com as diversas necessidades dos estudantes;
- Promover a procura do professor em horas de atendimento, como suplemento e complementaridade as aulas, reforçando práticas de acompanhamento dos alunos nas aprendizagens, quer no tocante às abordagens teóricas quer nas abordagens de cariz prática/aplicado, relativas a trabalhos ou procedimentos técnicos;
- Sensibilizar os docentes para uma efetiva colaboração com os alunos nas horas de atendimento, criando espaços, momentos e condições de trabalho adequadas às solicitações registadas e às dificuldades apresentadas;
- Reforço e atualização da componente pedagógica dos professores, promovendo a utilização de metodologias de ensino/aprendizagem mais aliciantes e eficazes, nomeadamente: Utilizar mais situações ou acontecimentos atuais e/ou da realidade envolvente;
- Promover uma maior participação dos alunos, estimulando o diálogo através de debates e da apresentação de temas específicos; - Proporcionar materiais de apoio adequados e atualizados; Assegurar um ambiente na sala de aula que propicie a aprendizagem, impondo uma maior postura de disciplina quando necessário.

5 Conclusões

O desenvolvimento de um percurso de aprendizagem profícuo está associado a uma efetiva participação no processo formativo, através da presença na aula, na reflexão e partilha de experiências, na descoberta de conhecimento, na pesquisa aplicada, no trabalho em equipa, na aplicação de conhecimentos, no desenvolvimento de competências, no desenvolvimento de tarefas entre outros processos. A integração na comunidade académica e o contacto com novas realidades e desafios, em particular dos alunos deslocados, impõem novas exigências, readaptações e esforços para garantir equilíbrios emocionais, financeiros e funcionais para os quais a Escola terá que ganhar competência de apoio e ajuda, garantido uma conveniente adaptação..

Neste contexto torna-se relevante sensibilizar os docentes para uma ativa colaboração com os alunos nas horas de atendimento, criando espaços, momentos e condições de trabalho adequadas às solicitações registadas e às dificuldades apresentadas. Associar à escola outras aprendizagens que não de cariz cognitivo – aprender a ser, aprender a interagir com os outros entre outras – a convergência dos processos e oportunidades formativas na pessoa do estudante sairá fortalecida e o papel da Escola e dos seus professores reforçada. Deter estruturas de apoio aos estudantes, capazes de promoverem processos atuantes e com flexibilidade necessária face às diferentes necessidades e exigências requeridas.

Refira-se o interesse dos alunos na participação neste estudo, existindo um reconhecimento da utilidade das reuniões e da recolha de informação sobre a problemática da assiduidade e sucesso de aprendizagens no ensino superior, manifestando a pertinência e interesse de serem auscultados sobre outros assuntos e temas para construir uma escola atenta aos problemas dos estudantes e da sua formação.

Bibliografia

- BIGGS, J. (2005). *Calidad del aprendizaje universitario*. Madrid: Narcea
- FONSECA, M. L. (2011). Estimando a Elasticidade do Efeito da Assiduidade às Aulas no Mérito Académico. consoante a Classe Social no Ensino Superior Português, *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXII, pág. 155-176
- JESUS, S. N. (2002a). Relação pedagógica e motivação do professor e do aluno no ensino superior. In S. N. Jesus (Org.), *Pedagogia e Apoio Psicológico no Ensino Superior*. Coimbra: Quarteto Editora, pág. 11-27.
- JESUS, S. N. (2002b). Insucesso funcional na escola actual. *Ser, estar, agir: Formação contínua de professores*, 1, pág. 83-84.
- JESUS, S. N. e VIEIRA, L. S. (2005). Motivação dos alunos no Ensino Superior. Uma investigação realizada na Universidade do Algarve. In A. Tomé & T. Carreira (Org.), *Ensino·Formação·Profissão Arte*, pág. 27 – 48, Lisboa: Editorial Minerva
- MONTEIRO, S., ALMEIDA, L., CRUZ, J.F e VASCONCELOS R. M. (2010). Percepções de alunos de excelência relativamente ao papel dos professores: um estudo com alunos de engenharia, *Revista Portuguesa de Educação* v.23 n.2 Braga (http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S087191872010000200010&script=sci_arttext)
- MORAIS, N. (2005). *Percepções do ensino pelos alunos: Proposta de instrumentos de avaliação para o ensino superior*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Braga: Universidade do Minho
- PINHEIRO, M. R. (2007). *O que posso fazer por mim? Ou a outra face da Pedagogia do Ensino Superior: Princípios e desafios das boas práticas dos estudantes*. Comunicação apresentada no IX Congresso da Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação: Educação para o sucesso, políticas e actores. Funchal.
- PINTRICH, P.R. & SCHUNK, D. H. (2002). *Motivation in education: Theory, research and applications* (2nd ed.). New Jersey: Merrill/Prentice Hall.
- RAMSDEN, P. (1992). *Learning to teach in higher education*. London: Routledge.
- RAMSDEN, P. (1997). The context of learning in academic departments. In F. Marton, D. J. Hounsell & N. J. Entwistle (Eds.), *The experience of learning* (2nd ed.), pág. 198-216. Edinburgh: Scottish Academic Press.
- RODRIGUES, M. J. et al (2005). *Aprender a estudar no ensino superior. Apresentação de um programa de métodos de estudo*. Universidade de Coimbra e Universidade de Aveiro: GAP-SAS.
- ROSÁRIO, P. S. & ALMEIDA, L. S. (2005). Leituras construtivistas da aprendizagem. In G. L. Miranda & S. Bahía (Org.), *Psicologia da Educação. Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*, pág. 141-165. Lisboa: Relógio Água.